



O PENSAMENTO DE ABDIAS NASCIMENTO E ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS ACERCA DOS VALORES CIVILIZATÓRIOS QUILOMBOLAS: PROPOSTAS PARA UMA RECONFIGURAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Luane Bento dos Santos¹

Resumo: Neste trabalho, pretendemos nos debruçar em torno das concepções de “Quilombo” enquanto espaço-território de resistência e construção de identidades negras a partir das interpretações dos trabalhos de duas importantes lideranças negras na luta antirracista: Abdias do Nascimento e Antônio Bispo dos Santos. Para isso, utilizamos as obras em que eles conceituam e apresentam outro olhar sobre os territórios quilombolas, uma escrita marcada por uma perspectiva decolonial, bastante articulada com as reivindicações históricas dos movimentos negros, especialmente, os movimentos negros quilombolas. Desse modo, analisamos as narrativas de Abdias do Nascimento em “O Quilombismo” e a escrita dialógica de Antônio Bispo dos Santos em “Colonização, Quilombos: modos e significados” e demonstramos como elas chamam o leitor para além de apoiar a luta quilombola repensar seus valores sociais e culturais.

Palavras-chaves: Antropologia Social; Pensamento Político; Quilombismo; Colonização e Contra-colonização; Relações Étnico-raciais.

THE THOUGHT OF ABDIAS NASCIMENTO AND ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS ABOUT THE CIVILIZATION QUILOMBOLAS VALUES: PROPOSAL FOR A RECONFIGURATION OF THE BRAZILIAN

Abstract: In this work, we intend to focus on the concepts of "Quilombo" as a space-territory of resistance and construction of black identities based on the interpretations of the works of two important black leaders in the anti-racist struggle: Abdias do Nascimento and Antonio Bispo dos Santos. For that, we use the works in which they conceptualize and present another look at the quilombola territories, a script marked by a decolonial perspective, very articulated with the historical demands of the black movements, especially the Quilombola black movements. Thus, we analyze the narratives of Abdias do Nascimento in "Quilombismo" and the dialogical writing of Antônio Bispo dos Santos in "Colonization, Quilombos: manners and meanings" and we demonstrate how they call

¹ Doutoranda em Ciências Sociais no PPGCIS da PUC-Rio. Mestra em Relações Étnico-raciais pelo CEFET-RJ. Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela UERJ. Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela UFF. Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros/ABPN e da Associação de Ensino de Ciências Sociais/ ABECRSJ. Docente de Sociologia da Educação Básica. E-mail: luanebentosantos@gmail.com



the reader in addition to supporting the quilombola struggle to rethink their social and cultural values.

Keywords: Social Anthropology; Political Thinking; Quilombismo; Colonization and Contra-colonization; Ethnic-racial relations.

EL PENSAMIENTO DE ABDIAS NASCIMENTO Y ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS ACERCA DE LOS VALORES CIVILIZATORIOS QUILOMBOLAS: PROPUESTAS PARA UNA RECONFIGURACIÓN DE LA SOCIEDAD BRASILEÑA

Resumen: En este trabajo, pretendemos contemplar en torno a las concepciones de "Quilombo" como espacio-territorio de resistencia y construcción de identidades negras a partir de las interpretaciones de los trabajos de dos importantes líderes negros en la lucha antirracista: Abdias do Nascimento y Antônio Bispo dos Santos. Para ello, utilizamos las obras en que ellos conceptualizan y presentan otra mirada sobre los territorios quilombolas, una escritura marcada por una perspectiva decolonial, bastante articulada con las reivindicaciones históricas de los movimientos negros, especialmente, los movimientos negros quilombolas. De este modo, analizamos las narrativas de Abdias del Nascimento en "El Quilombismo" y la escritura dialógica de Antônio Bispo dos Santos en "Colonización, Quilombos: modos y significados" y demostramos cómo ellas llaman al lector más allá de apoyar la lucha quilombola repensar sus valores sociales y culturales.

Palabras claves: Antropología Social; Pensamiento Político; Quilombismo; Colonización y contra-colonización; Relaciones Étnico-raciales

LES PENSEES D'ABDIAS NASCIMENTO ET D'ANTONIO BISPO DOS SANTOS SUR LES VALEURS DE LA CIVILISATION QUILOMBOLA: PROPOSITIONS POUR UNE RECONFIGURATION DE LA SOCIÉTÉ BRÉSILIENNE

Résumé: Dans ce travail, nous avons l'intention de nous concentrer sur les conceptions du "Quilombo" en tant qu'espace-territoire de résistance et de construction d'identités noires à partir des interprétations des travaux de deux leaders noirs importants dans la lutte antiraciste: Abdias do Nascimento et Antônio Bispo dos Santos. Pour cela, nous utilisons les œuvres dans lesquelles ils conceptualisent et présentent un autre regard sur les territoires de la quilombola, une écriture marquée par une perspective décoloniale, très articulée avec les exigences historiques des mouvements noirs, en particulier les mouvements noirs de Quilombola. Ainsi, nous analysons les récits d'Abdias do Nascimento dans "Quilombismo" et l'écriture dialogique d'Antônio Bispo dos Santos dans "Colonization, Quilombos: manières et significations" et démontrons comment ils appellent le lecteur en plus de soutenir la lutte quilombola pour repenser leur valeurs sociales et culturelles.

Mots-clés: anthropologie sociale; Pensée politique; Quilombismo; Colonisation et contre-colonisation; Relations ethniques-raciales

INTRODUÇÃO



Numerosas foram as formas de resistência árdua pela manutenção da sua identidade pessoal lista destes movimentos que no âmbito social e político é o objetivo do nosso estudo. Trata-se história do nosso povo um marco na sua capacidade formas de resistência podem ser compreendidas como a história do negro no Brasil (NASCIMENTO, 1985, p.117).

O trecho do texto acima é da historiadora e militante do movimento negro Maria Beatriz do Nascimento, é considerado como uma das primeiras tentativas de dimensionar o território do quilombo como lugar de continuidade histórica e não apenas de fuga e esfacelamento territorial com o final do sistema escravista e início do pós-abolição. O pensamento de Beatriz Nascimento é, sem dúvidas, um dos principais a considerar as comunidades quilombolas como territórios existentes após a abolição da escravatura. Para nós seria impossível pensar ou escrever qualquer trabalho sem citar o lugar de pioneirismo de Beatriz Nascimento para a construção de outros significados acerca das comunidades quilombolas, vistas hoje, como comunidades tradicionais. Para melhor compreensão sobre as acepções que cercavam a perspectiva histórica de sua época em relação aos territórios quilombolas trazemos as argumentações de Carril (2017, p. 544):

O (re)aparecimento do quilombo, na segunda metade do século XX, constitui-se processo histórico de grande relevância, pois coloca em xeque tanto o próprio conceito na historiografia quanto os movimentos sociais, pondo em relevo a diversidade étnica brasileira. Por mais de um século considerou-se o quilombo parte do período colonial, criando-se uma ideia de que essas lutas findaram após a abolição. Desde a década de 1970, iniciam-se alguns estudos abordando *comunidades rurais que apresentavam a particularidade de serem negras*.

Como podemos perceber, o trabalho de Maria Beatriz Nascimento é visto como um dos pioneiros por indagar a continuidade da existência das sociedades quilombolas na contemporaneidade. Questão que na época de seus estudos não era unanimidade na historiografia. Dito isto, neste trabalho temos por objetivo apresentar as perspectivas políticas e filosóficas de Quilombo e Quilombismo para Antônio Bispo dos Santos e Abdias Nascimento. Utilizamos dois trabalhos de referência: “Colonização, Quilombos: modos e significados” e “O Quilombismo” (Documento n. 7). Além disso, destacamos como a experiência dos territórios quilombolas, de acordo, com a narrativa de Santos (2016) apresentam modos de convivência social que permitem à interação do ser humano com aquilo que denominamos como meio ambiente e também significamos enquanto modelo ecológico.

Outro ponto é que buscamos expor as diferenças de interesses reflexivos e uso dos dois autores em relação às sociedades quilombolas. Assim, vale salientar que há entre a escrita de Nascimento em 1977 e a de Santos em 2016, um período de intensas transformações na sociedade brasileira, principalmente, no que se refere ao reconhecimento e direito dos territórios quilombolas. Para além dessas ponderações temporais, precisamos considerar o lugar de cada autor na sociedade. É certo que os dois são importantes lideranças políticas negras e que seus pensamentos têm influenciado parte dos escritos acadêmicos comprometidos com a igualdade étnico-racial. No caso de Abdias do Nascimento, o reconhecimento internacional e a longa trajetória vivida em constante luta por políticas reparatórias e ações afirmativas para a população negra brasileira fez com que ele fosse reconhecido e citado inúmeras vezes em escritos acadêmicos. Principalmente, porque Abdias foi um dos militantes e intelectuais negros, que apesar do exílio, acompanhou, ajudou a organizar e participou de diversos movimentos negros desde a Frente Negra Brasileira/FNB (1931-1937) ao Movimento Negro unificado/MNU (1977-2018). Para Nascimento a experiência das sociedades quilombolas podem ser traduzidas enquanto um pensamento político que ele vai chamar de “Quilombismo”. Segundo Elisa Larkin Nascimento, no prefácio do livro “O Quilombismo”, o autor apresenta o conceito:

Assim, ele apresenta *O quilombismo*, proposta de síntese do saber ancestral africano, como conceito científico com direito ao mesmo prestígio e credibilidade investidos na ciência ocidental do socialismo [...] o quilombismo é também herdeiro de um movimento social que, já em 1945, apresentava suas propostas à Assembléia Constituinte encarregada de redemocratizar o país (Nascimento, 1982[1968]). (p.20).

Antonio Bispo dos Santos aparece, na atualidade, como uma importante liderança quilombola, que questiona a narrativa oficial, surge no cenário acadêmico como mestre de ofício e ganha destaque nos encontros de Saberes ocorridos na UNB, no início dos anos 2000, conforme chama atenção José Jorge de Carvalho no prefácio de seu livro. Certamente, a popularidade de Bispo, já era marcada no movimento negro quilombola.

Antonio Bispo realiza a narrativa de seu lugar de homem nascido e criado numa comunidade quilombola, no Piauí (PI). Atento às questões históricas, sociais e políticas observa como o Estado brasileiro tem, ininterruptamente, agredido e exterminado os modos e significados de vida quilombola. Coloca para o leitor que esses modos e significados nem sempre são percebidos ou descritos como valores civilizatórios

quilombolas. De maneira dialógica, Bispo reflete a respeito da organização e eliminação de algumas comunidades quilombolas, que foram atacadas pelo Estado brasileiro de forma atroz e desumana. Para além da iniciativa de denúncia dos crimes cometidos pelo Estado brasileiro, Bispo reconta a história do Brasil através da experiência quilombola, bem como oferece para o leitor outras perspectivas de organização social, assim como compreensão do mundo. Chama atenção na sua narrativa os processos de biointeração e a sofisticação da confluência de participação de todos de um grupo nos eventos importantes para a comunidade. Por essas razões, consideramos o trabalho de Antônio Bispo dos Santos e Abdias do Nascimento, escritos decoloniais, por criarem contra narrativas e denunciarem a situação vergonhosa em que o Estado brasileiro trata as tentativas de organizações sociais que são distintas aos interesses do capital econômico. De acordo com Ballestrin (2013) ao cita Mignoli a origem dos escritos decoloniais iniciam:

Para Mignolo, “a conceitualização mesma da colonialidade como constitutiva da modernidade e já o pensamento de-colonial em marcha” (Mignolo, 2008, p. 249). Mas, para ele, a origem do pensamento decolonial é mais remota, emergindo como contrapartida desde a fundação da modernidade/colonialidade. Seria possível, portanto, considerar Wama Pomam de Ayala – do vice-reinado peruano que enviou ao rei Felipe III em 1616 sua *Nueva crónica y buen gobierno* – e Otabah Cugoano – um escravo liberto que publicou em Londres, em 1787, *Thoughts and sentiments on the evil of slavery* – como os primeiros autores de tratados políticos decoloniais, que não usufruem o mesmo prestígio daqueles escritos por Hobbes, Locke ou Rousseau.

Ainda esclarece “*A genealogia do pensamento decolonial e planetária e não se limita a indivíduos, mas incorpora nos movimentos sociais (o qual nos remete aos movimentos sociais indígenas e afros)*. Portanto, esse trabalho ao trazer as perspectivas políticas de Nascimento (1980) e Santos (2016) também se insere nas contra-narrativas decoloniais, dito de outro modo, assumimos uma postura decolonial por entendermos a emergência de colaborar no fortalecimento dos debates/pontos de vista oriundos dos grupos marginalizados. Por estamos em busca de contribuir nesse fortalecimento acreditamos que seja fundamental o trabalho com autores sulistas, assim como fez Ballestrin (2013) em sua apresentação do *Giro decolonial*.

Precisamos dizer que a metodologia adotada em nosso estudo é apoiada em levantamento bibliográfico e revisão de literatura. Nossos referenciais teóricos são: Ballestrin (2013), Carril (2017), Nascimento (1980), M. B. Nascimento (1985) e Santos

(2016). O campo em que está situado nossa escrita é baseado nos debates encontrados nas áreas de Antropologia Social, Estudos Decoloniais e nas Relações Étnico-raciais. Como dissemos, temos por objetivo mostrar a perspectiva quilombista de Nascimento (1980) e a visão de organização social contra colonial quilombola de Santos (2016).

O trabalho está organizado da seguinte forma, na primeira sessão apresentamos a perspectiva política de quilombismo de Nascimento (1980) e como ela coloca pra sociedade brasileira a proposta da criação de outro modelo de Estado, pautado em valores civilizatórios quilombolas. No segundo momento, apresentamos as considerações de Santos (2016) e como elas não intencionam criar um modelo de Estado, mas sim o direito de viver de forma distinta e em constante biointeração com a natureza. No terceiro momento, avaliamos os pontos em que o pensamento de Nascimento e Santos se esbarram para a reivindicação dos direitos das populações negras e como eles se distanciam. Por fim, as considerações finais.

II. O QUILOMBISMO DE ABDIAS NASCIMENTO: PROPOSTA DE OUTRO MODELO DE ESTADO

Podemos dizer que em quase toda a trajetória política de Abdias Nascimento, ele teve o papel de denúncia das mazelas que afligem a população negra brasileira. Basta observar os motivos políticos que levaram Nascimento ao exílio e sua atuação enquanto político profissional na posição de Deputado Federal (1983-1987) e Senador da República (1997-1999).

A trajetória de vida de Abdias Nascimento é marcada pela luta antirracista e por busca de direitos para a população negra. Como viveu até os 97 anos, ele acompanhou muitas das transformações da sociedade brasileira, seja de dentro ou fora dela (por conta das perseguições políticas que sofreu). Abdias também participou de inúmeras organizações pelo direito do negro FBN, TEN, MNU e criou o IPEAFRO, localizado no bairro da Glória, na cidade do Rio de Janeiro e atualmente coordenado por sua viúva Elisa Larkin Nascimento.

Nascimento não foi um homem de seu tempo, no que se refere a enxergar as mazelas da escravidão e a perversidade das desigualdades raciais sem questioná-las. Pelo contrário, ele atacou bravamente as teorias racistas promulgadas no Brasil, assim como a teoria culturalista defendida por Gilberto Freyre, que como sabemos deu amparo para a



criação mito da “democracia racial”². Outro fato importante foi a denúncia das condições econômicas privilegiadas que foram construídas para brancos no Brasil:

É escandaloso notar que porções significativas da população brasileira de origem européia começaram a chegar ao Brasil nos fins do século passado como imigrantes pobres e necessitados. Imediatamente passaram a desfrutar de privilégios que a sociedade convencional do país lhes concedeu como parceiros de raça e de supremacismo eurocentrista. Tais imigrantes não demonstraram nem escrúpulo e nem dificuldades em assumir os preconceitos raciais contra o negro-africano, vigentes aqui e na Europa, se beneficiando deles e preenchendo as vagas no mercado de trabalho que se negava aos ex-escravos e seus descendentes (NASCIMENTO, 1980, p. 335).

Em outro lugar³ descrevi Abdias Nascimento como o Zumbi da Modernidade. Vale dizer que ele questionou muito a estrutura racial brasileira e deixou para nós importantes indagações, bem como proposta de pensamento político como o quilombismo. Por esses motivos, neste trabalho, nos interessamos em olhar parte de seu legado tão contundente e comprometido com os direitos para negros e negras e também para uma sociedade mais democrática. Para isso, resgatamos o documento n. 7 intitulado: *Quilombismo: Um conceito científico emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira* do livro “O Quilombismo”.

Neste texto, Nascimento trata de questões que ganharam destaque nas pautas da igualdade racial. Uma delas é a reivindicação pelo ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira, que atualmente é garantida como lei federal de n. 10.639/2003. É sabido que desde o Teatro Experimental do Negro-TEN (1944-1957), Abdias do Nascimento reclamava pelo direito a história negra e africana, no trecho a seguir podemos ver sua contínua contestação:

Nunca em nosso sistema educativo se ensinou qualquer disciplina que revelasse algum apreço ou respeito às culturas, artes, línguas e religiões de origem africana. E o contato físico do afro-brasileiro com os seus irmãos no continente e na diáspora sempre foi impedido ou dificultado, entre outros obstáculos, pela

2 O conceito de democracia racial não foi criado por Gilberto Freyre e sim pelo sociólogo Florestan Fernandes que também estudou as relações raciais brasileiras e a obra de Freyre. Fernandes percebeu que havia nos escritos de Freyre ideias de relações raciais harmônicas, isto é, de um convívio étnico-racial democrático. No entanto, como destacou o autor a realidade demonstrava uma sociedade submersa no legado da escravidão e no exercício de práticas racistas.

3 Análise do Vídeo: Abdias Nascimento; momentos políticos. Trabalho apresentado na disciplina Discurso e Cinema: O Papel do Negro na Mídia Cinematográfica. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Relações Étnico-raciais/PPRER, CEFET, 2011.



carência de meios econômicos que permitissem ao negro se locomover e viajar fora do país.

Dessa maneira, podemos constatar ao longo da leitura do Documento n. 7 inúmeras questões de denúncia que hoje são consenso no que tange a desigualdade racial, bem como princípios que nortearam políticas de ações afirmativas como a Lei Federal citada acima. Mais adiante em seu trabalho Abdias Nascimento começa a tecer ideias do que seria a experiência quilombola. Num primeiro momento, descreve o Quilombo como lugar de fuga e busca do africano por liberdade “*Os quilombos resultaram dessa exigência vital dos africanos escravizados, no esforço de resgatar sua liberdade e dignidade através da fuga ao cativo e da organização de uma sociedade livre.*” (NASCIMENTO, 1980, p.337). Posteriormente enseja:

A multiplicação dos quilombos fez deles um autêntico movimento amplo e permanente. Aparentemente um acidente esporádico no começo, rapidamente se transformou de uma improvisação de emergência em metódica e constante vivência dos descendentes de africanos que se recusavam à submissão, à exploração e à violência do sistema escravista. O quilombismo se estruturava em formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso que facilitava sua defesa e sua organização econômico-social própria, como também assumiram modelos de organizações permitidas ou toleradas, freqüentemente com ostensivas finalidades religiosas (católicas), recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo [...] desempenhando um papel relevante na sustentação da comunidade africana (NASCIMENTO, 1980, p. 337)⁴.

Para além dos territórios rurais em que se localizam as populações negras quilombolas, Nascimento interpretará todas as formas associativas das comunidades negras enquanto uma *práxis* afro-brasileira que para o autor se revela como o fenômeno do quilombismo⁵:

Objetivamente, essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afochés, escolas de samba, gafieiras foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. Porém tanto os permitidos quanto os “ilegais” foram uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. A este complexo de significações, a esta *práxis* afro-brasileira, eu denomino de quilombismo (NASCIMENTO, 1980, p. 338).

4 (NASCIMENTO, 1977. .377).

5 Atualmente, podemos observar encontros, seminários, congressos e reuniões de coletivos negros que reivindicam o verbo aquilombar, no sentido, de estar juntos e pela manutenção do ser negro-negra.

E alerta *“quilombista significa como valor dinâmico na estratégia e na tática de sobrevivência e progresso das comunidades de origem africana”* (p.338). Segundo Nascimento, a quilombismo está intrínseco na vida social do negro brasileiro *“Percebe-se o ideal quilombista difuso, porém consistente, permeando todos os níveis da vida negra e os mais recônditos meandros e/ou refolhos da personalidade afro-brasileira.”*

Nascimento também esclarece que o quilombismo, a proposta de um pensamento político e social quilombista está longe dos moldes capitalistas com suas sociedades de classes. Pelo contrário, ele argumenta:

Como sistema econômico o quilombismo tem sido a adequação ao meio brasileiro do comunitarismo ou ujamaísmo da tradição africana. Em tal sistema as relações de produção diferem basicamente daquelas prevalentes na economia espoliativa do trabalho, chamada capitalismo, fundada na razão do lucro a qualquer custo. Compasso e ritmo do quilombismo se conjugam aos mecanismos operativos, articulando os diversos níveis de uma vida coletiva cuja dialética interação propõe e assegura a realização completa do ser humano. Nem propriedade privada da terra, dos meios de produção e de outros elementos da natureza (NASCIMENTO, 1980, p.348).

Para Nascimento, o Quilombismo é a proposta de um Estado amparado nos valores civilizatórios preservados nos quilombos brasileiros. Portanto, o quilombismo é uma proposta de Estado defendida por Nascimento que se distancia dos modelos de Estado vivenciados pelos ocidentais. O quilombismo é uma filosofia, uma ação, uma consciência de ser e estar no mundo para o autor. Nascimento elenca alguns dos princípios do quilombismo:

1. O Quilombismo é um movimento político dos negros brasileiros, objetivando a implantação de um Estado Nacional Quilombista, inspirado no modelo da República dos Palmares, no século XVI, e em outros quilombos que existiram e existem no País.
2. O Estado Nacional Quilombista tem sua base numa sociedade livre, justa, igualitária e soberana. O igualitarismo democrática quilombista é compreendido no tocante a sexo, sociedade, religião, política, justiça, educação, cultura, condição racial, situação econômica, enfim, todas as expressões da vida em sociedade. O mesmo igualitarismo se aplica a todos os níveis do Poder e de instituições públicas e privadas.
4. O quilombismo considera a terra uma propriedade nacional de uso coletivo. As fábricas e outras instalações industriais, assim como todos os bens e instrumentos de produção, da mesma forma que a terra, são de propriedade e uso coletivo da sociedade. Os trabalhadores rurais ou camponeses trabalham a terra e são eles próprios os dirigentes das



instituições agropecuárias. Os operários da indústria e os trabalhadores de modo geral são os produtores dos objetos industriais e os únicos responsáveis pela orientação e gerência de suas respectivas unidades de produção.

5. No quilombismo o trabalho é um direito é uma obrigação social, e os trabalhadores, que criam a riqueza agrícola e industrial da sociedade quilombista, são os únicos donos do produto do seu trabalho.

7. A educação e o ensino em todos os graus – elementar, médio e superior – serão completamente gratuitos e abertos sem distinção a todos os membros da sociedade quilombista. A história da África, das culturas, das civilizações e das artes africanas terão um lugar eminente nos currículos escolares. Criar uma Universidade Afro-Brasileira é uma necessidade dentro do programa quilombista (NASCIMENTO, 1980, pp.369-370).

Para alguns à primeira vista, existem semelhanças com o socialismo europeu, no entanto, Nascimento argumenta que seu modelo é baseado nas formas comunitárias encontradas nas sociedades africanas e nos quilombos brasileiros.

Outro ponto que merece reconhecimento é o ABC do Quilombismo. Neste ponto Nascimento (1980) lista as diversas questões que atravessam a vida do *negro-africano*. O que mais chama atenção na argumentação de Estado quilombista e pensamento político quilombista de Nascimento são como algumas pautas foram atingidas pelos movimentos negros: as ações afirmativas para negros e negras na esfera do Estado; e como outras pautas e denúncias continuam arraigadas e sendo praticadas como parte da estrutura da sociedade brasileira: às questões do genocídio da população negra; expropriação dos territórios ocupados por populações negras por fazendeiros brancos e a perseguição às religiões de matrizes africanas (acossamento relacionado aos valores civilizatórios eminentemente ecológicos destes grupos). Na seção seguinte, apresentaremos a perspectiva de experiência quilombola de Santos (2016).

III. A EXPERIÊNCIA COMUNITÁRIA CONTRA COLONIAL QUILOMBOLA DE ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS

Antônio Bispo dos Santos, nascido em 10 de dezembro de 1959, numa comunidade quilombola chamada Papagaio, no interior do Piauí (PI). Ele é pescador, agricultor, poeta e escritor. Seu livro “Colonização, Quilombos: modos e significados” (2016) tem adentrado ao espaço acadêmico como uma contra narrativa e como lugar de fala de homem negro e quilombola. Assim, como algumas lideranças indígenas: Davi Kopenawa e Ailton Krenak, este autor tem sido referência de um movimento crescente na academia brasileira, principalmente nos cursos de ciências humanas, o movimento em



que sujeitos históricos colocados como objetos passam a contestar a escrita acadêmica, especialmente a etnográfica. Alguns chamam este fenômeno de polifonia. A entrada de algumas lideranças indígenas e quilombolas podem ser vista como resultado do advento do marco constitucional de 1988, mas, na realidade esses intelectuais/líderes sempre foram reativos em suas comunidades e caminhavam pelo país em busca da consolidação de seus direitos humanos. Neste sentido, a obra de Santos (2016) se inscreve numa contra narrativa, em escrita decolonial, e numa tentativa de problematizar as vivências quilombolas como modos e significados que estão em oposição aos valores individualistas, extremamente, disseminados na sociedade colonial brasileira.

O trabalho do “Nego Bispo”, nome social de poeta, é permeado por uma escrita preocupada em desmontar os paradigmas coloniais que descreveram a história do Brasil sempre sobre o olhar do branco da elite, assim como em apresentar a beleza a possibilidade de convívio pautado em valores civilizatórios quilombolas em que o ser humano está integrado à natureza.

No transcorrer de sua obra Santos (2016) apresenta o que para ele foi um dos principais instrumentos coloniais: A carta de Pero Vaz Caminha e a Bíblia. O autor minuciosamente analisa parte dos dois escritos e argumenta como ali reverbera a lógica de construção de organização social e a autorização para a eliminação do outro. O outro no caso, é todo aquele que não compartilha os valores monoteístas e cosmovisão de mundo europeia, no caso os nativos brasileiros e os africanos. Assim, o autor nos mostra como a colonização, além de eliminar e extinguir diversos grupos étnicos também adestrou e despersonificou as populações nativas e africanas do direito à identidade coletiva. Bispo é muito feliz em apresentar às adoções das estratégias da Igreja e dos colonizadores para dominar os grupos colonizados.

Para descrever as diferenças das concepções do mundo colonial e do mundo do colonizado o autor, de modo, interessante utiliza o exemplo do jogo de futebol que representa o modo europeu monoteísta e a capoeira como manifestação cultural que representa as visões politeístas afropindorâmicos. Em relação ao futebol, Bispo argumenta que os jogadores são selecionados e um único juiz dar às regras, nem todos podem participar e uma multidão assiste. A interação entre todos não é possibilitada. Quando aborda a capoeira, Bispo observa que nesta atividade afro-brasileira, todos podem participar sabendo ou não jogar e que a relação interativa entre os sujeitos acontece no estabelecimento de valores coletivos. Todos podem compartilhar a alegria de participar

da roda de capoeira distintamente do futebol. Para Bispo, esses dois esportes descrevem as visões de mundo colonial e colonizador/ europeia e afro-pindorâmica.

Também, notamos ao longo da leitura de sua obra como o autor costura os elos comunitários de povoados como Canudos e Pau-da-Colher ao apresentar a extinção destas comunidades enquanto tentativas do Estado brasileiro de apagar, exterminar e dispersar os modos e significados quilombolas. O que para ele não ocorreu de fato, visto que não se pode extinguir a oralidade e é por ela que a memória dessas comunidades se mantém, conforme esboça na poesia Fogo (p.45).

Outra chave importante que o pensador sustenta são os processos de biointeração que ocorrem nas comunidades tradicionais. Bispo descreve a sua própria experiência de pescador e agricultor para exemplificar o fato. O autor também aproveita para repetir a base do sistema de pensamento quilombola em relação à natureza, base de pensamento aprendida com seus mestres mais velhos. “*O melhor lugar para guardar o peixe é o rio onde ele pode se reproduzir*”. Esta ponderação repetida algumas vezes em seu texto expõe como as noções de acúmulo tão enraizadas por nós não ganham significância numa estrutura de pensamento quilombola e contra-colonial.

As preocupações de Santos (2016) em descrever as atrocidades do Estado brasileiro em relação aos modos de vida contra-coloniais como ele nomeiam não se encerram nos absurdos ocorridos no passado de Brasil colônia de Portugal ou no de Brasil Imperial. Pelo contrário, sabidamente apresenta situações desumanas que permanecem com fôlego na sociedade brasileira. Para isto, cita às questões quilombolas e indígenas no estado do Espírito Santo e no estado do Maranhão.

Outra questão levantada por Santos (2016) é a fragilidade do reconhecimento das terras quilombolas e indígenas previstos na C. F de 1988. Fragilidade que beneficia grupos políticos, empresários e fazendeiros. Ele menciona o caráter autoritário do Estado brasileiro em relação aos direitos que deveriam garantir para as populações tradicionais e conclui que o processo de colonização até os dias atuais é:

Com isso podemos afirmar que a guerra da colonização nada mais é que uma guerra territorial, de disputa de territorialidades. Nesse contexto, nós, povos contra colonizadores, temos demonstrado em muitos momentos da história a nossa capacidade de compreender e até de conviver com a complexidade das questões que esses processos têm nos apresentado. Por exemplo: as sucessivas ressignificações das nossas identidades em meio aos mais perversos contextos de racismo, discriminação e estigmas; a readaptação dos nossos modos de vida em território retalhados, descaracterizados e degradados; a interlocução das nossas

linguagens orais como a linguagem escrita dos colonizadores (SANTOS, 2016, p.97).

Toda a exposição teórica de Santos busca dialogar com o leitor em torno dos inúmeros processos de etnocídios cometidos pelo Estado brasileiro em busca de um padrão de um modelo de sociedade que insiste na exclusão e diminuição do outro colonizado. As ideias conclamadas por Santos (2016) devem ser lidas com bastante atenção porque coloca para a sociedade brasileira não apenas a extinção dos territórios quilombolas e outras comunidades tradicionais, mas denuncia os conflitos oriundos das práticas coloniais. Além desses fatos, a obra de Bispo (2016) oportuniza o leitor a se deparar com um universo de realidade quilombola descrito para além dos aspectos de pobreza e desigualdades relatados, costumeiramente, no ambiente acadêmico e incrustado no pensamento comum. Em Santos (IBIDEM), podemos observar um universo perseguido que se transpõe como alternativa política, filosófica e social para grupos deserdados. Na seção seguinte, apresentamos os pontos de consonância entre os dois autores trabalhados até aqui.

VI. OS PONTOS EM CONSONÂNCIA NA OBRA DE NASCIMENTO (1980) E NA OBRA DE SANTOS (2016)

Na obra dos dois autores é possível notar um forte apelo para a construção de uma memória histórica, mas não uma memória histórica qualquer e sim a memória histórica da população negra. Em Nascimento (1980), este chamado é nítido no início do Documento n. 7 onde podemos ler:

Numa passagem anterior do texto deste livro fizemos menção à urgente necessidade do negro brasileiro em recuperar a sua memória. Esta tem sido agredida sistematicamente pela estrutura de poder e dominação há quase 500 anos. Semelhante fato tem acontecido com a memória do negro-africano, vítima, quando não de graves distorções, da mais crassa negação do seu passado histórico. A memória dos afro-brasileiros, muito ao contrário do que afirmam aqueles historiadores convencionais de visão curta e superficial entendimento, não se inicia com o tráfico escravo e nem nos primórdios da escravidão dos africanos, no século XV. Em nosso país, a elite dominante sempre desenvolveu esforços para evitar ou impedir que o negro brasileiro, após a chamada abolição, pudesse assumir suas raízes étnicas, históricas e culturais, desta forma seccionando-o do seu tronco familiar africano. A não ser em função do recente interesse do expansionismo industrial, o Brasil como norma tradicional ignorou o continente africano [...] Meu objetivo aqui é o de apenas chamar a atenção para esta significativa dimensão da antiguidade da memória afro-brasileira. Este é um



assunto extenso e complexo, cuja seriedade requer e merece pesquisa e reflexão aprofundadas, no contexto de uma revisão crítica das definições e dos julgamentos pejorativos que há séculos pesam sobre os povos negro-africanos (327-334).

Para Nascimento (1980) a memória histórica da população negra deve estar entrelaçada a história da África antes da escravidão. Isso para que a população negra se reconheça em outro lugar de participação histórica. Antônio Bispo dos Santos recupera a memória do povo negro e brasileiro a partir das rebeliões e insurreições internas acontecidas no início da República. No capítulo dois “Guerra da colonização”, Santos (2016) faz praticamente um tratado sobre as inúmeras sociedades quilombolas que foram vilipendiadas pelo então Estado brasileiro. Santos (IBIDEM) descreve do surgimento ao extermínio das comunidades e demonstra como o Estado brasileiro para se consolidar operou como uma lógica etnocida. Cabe ressaltar que mesmo em tempos de fragmentação das fronteiras dos Estados-Nações, o Estado brasileiro em conformidade com a lógica do capital global continua a atacar outros modos de vida como coloca Santos. Para o autor, a manutenção da lógica etnocida é tradução da reafirmação da postura colonial, em outras palavras, o conflito entre colonizadores contra colonizados.

É sempre bom lembrarmos que os dois autores partem de pontos de vistas diferentes, mas têm como base a experiência do Quilombo e o que esta experiência pode nos ensinar. Os dois estão empenhados em estabelecer uma contra narrativa ao Império colonial. O quilombismo de Abdias é nacionalista, mas não o nacionalismo fascista como alguns podem condenar. Para Nascimento *“o quilombismo uma luta antiimperialista, se articula ao pan-africanismo e sustenta radical solidariedade com todos os povos em luta contra a exploração, a opressão, o racismo e as desigualdades motivadas por raça, cor, religião ou ideologia”* (p.340).

Em Bispo, a experiência das comunidades quilombolas se cruzam pela interação com a terra, a terra é vida, a terra é a mãe que alimenta e gera a possibilidade de vida. Defende que as comunidades atacadas e massacradas pelo Estado brasileiro têm em comum uma biointeratividade com os elementos da natureza e uma vida comunitária com valores excessivamente coletivos.

Os dois autores denunciam o processo de expropriação das terras quilombolas pela figura dos colonizadores brancos. Nascimento (1980) alerta para o fenômeno no meio urbano e rural enquanto Bispo procura enfatizar às atrocidades que ocorrem com as

comunidades indígenas e quilombolas quando localizadas em terras de interesses empresariais.

Por fim, outro ponto comum nas narrativas dos autores é a afirmação de que a experiência quilombola revela a cultura de resistência ao genocídio perpetrado pela instituição chamada de Estado.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos apresentar os principais pontos da obra de Abdias Nascimento (1980) e Antônio Bispo dos Santos (2016). Deste modo, descrevemos as perspectivas políticas de cada autor e argumentamos como elas são narrativas decoloniais que esvaziam os significados estereotipados que aprendemos sobre a palavra quilombo e suas derivações. Mostramos também como essas narrativas causam, gradativamente, fissuras no espaço acadêmico por disputarem o lugar de escrita e interpretação acerca das vivências quilombistas e quilombolas e da história do Brasil. Ademais, argumentamos como em alguns momentos as ideias dos autores se cruzam e em outros se afastam. De todo modo, nosso objetivo foi apresentar dois expoentes do pensamento quilombola no Brasil e como suas contribuições são importantes para pensar e lutar pelos direitos das populações negras, principalmente o direito à terra e de manter uma relação biointerativa com ela como ressalta Santos (2016).

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ballestrin, Luciana. *América Latina e o giro decolonial*. Revista Brasileira Ciência Política, Brasília, v. 11, 2013, pp. 89-117. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522013000200004&lng=en&nrm=iso

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. *Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto*. In: Revista Brasileira de Educação, v. 22, 2017

NASCIMENTO, Abdias do. *O Quilombismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra*. In: RATTI, Alex. *Eu sou Atlântica*. São Paulo: Imprensa Oficial; Kuanza, 2006.

SANTOS, Antônio Bispo dos. 2015. *Colonização, Quilombos: modos e significados*. UNB/ INCTI.



SANTOS, Antônio Bispo. *Modos quilombolas*. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, v. 9, 2016, pp 58 - 65.

SANTOS, Luane Bento dos. *CONHECIMENTOS ETNOMATEMÁTICOS PRODUZIDOS POR MULHERES NEGRAS TRANÇADEIRAS*. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 9, n. 22, p. 123-148, jun. 2017.

_____. *Cidadania, desigualdades e reconhecimento: algumas ponderações*. *CSONline - REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS*, n. 29, 2019.

Recebido em: 10/03/2020

Aceito em: 15/07/2020